

# Pesquisa literária e acervo: a maldição dos manuscritos

---

Miguel Rettenmaier\*

## Resumo

O trabalho pretende discutir a pesquisa literária relacionada à memória e aos estudos identitários, em específico, no Rio Grande do Sul. Para tanto, observa a organização de acervos literários. O estudo aborda as contribuições que os registros do escritor Josué Guimarães podem fornecer para a reflexão sobre a história e os valores defendidos por tradições culturais consagradas.

*Palavras-chave:* Estudos literários. Acervo literário. Josué Guimarães.

---

Alguns estatutos sobre da pesquisa em letras têm sido, nos últimos anos, deslocados de importância e focalização no que se refere aos estudos literários. Tais alterações, decorrentes de revisões teóricas e metodológicas, incorrem, entre outros eixos, em uma circunstância estabelecida pela relação entre as pesquisas na área de literatura e o resgate da memória.

No fim do século XX esgotam-se as abordagens meramente analíticas do texto literário. Após um momento focado majoritariamente nas concepções textualistas do estruturalismo, amplia-se o raio de estudo para além da obra literária impressa. De alguma maneira, o estudo

---

\* Doutor em Teoria da Literatura; professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo; pesquisador e coordenador do Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF); da Comissão Organizadora das Jornadas de Literatura de Passo Fundo.

---

Data de submissão: abril de 2009. Data de aceite: maio de 2009.

da literatura dirige-se para o que está além da obra literária, envolvendo-se em todas as textualidades, nas mais variadas naturezas, que orbitam pelo sistema literário.

Dessa ampliação de objetos de estudo, em um segundo ponto, amplia-se o campo de investigação literária para um *corpus* variado de textualidades relacionadas à produção intelectual de determinado autor e aos demais vestígios documentais em torno dele. Assim, as investigações literárias investem no estudo dos espólios pessoais dos autores. Tais espólios são confiados aos pesquisadores pelos herdeiros e, por esses pesquisadores, são reestruturados e classificados metodologicamente sob a denominação de “acervos literários”.

Nesse novo território de atuação, os estudos literários poderão escrever e reescrever sobre o passado, reelaborando conceitos, atualizando os registros da memória coletiva e cultural. De alguma maneira, o trabalho com a pesquisa em acervo literário visa revitalizar o passado em um novo presente, diretamente influenciado pelas pistas, pelos “resíduos” ou pelas “pegadas” deixadas por determinado autor. Nesse resgate, atualiza-se a história, recupera-se o passado, presentifica-se e revitaliza-se o que fora silenciosamente arquivado ou guardado em dependências particulares. A memória, nesse sentido, deixa de ser compreendida como uma capacidade mnemônica particular, individual ou familiar, e passa a ser “uma consciência

mais coletiva, preocupada em lembrar o que já foi, sustentada em monumentos e documentos, que precisa preservar par manter-se autoconsciente do que é”. (BORDINI, 2001, p. 31)

Justamente essa autoconsciência da memória, passível de ser atingida por descobertas por demais transformadoras, parece fazer temer a quem, no presente, resguarda-se nas crenças oportunas sobre si e a sociedade. O manuscrito de um autor, por exemplo, aparentemente tem uma semântica de maldição. É algo que pode não ter sido levado a cabo pela mão que escreveu; é um texto que pode ser visto como uma coisa provisória, não a coisa em si, mas um passo antes de si; e pode, sobretudo, ser um registro em segredo, jamais divulgado, que uma vez publicado poderá despertar não uma ira semelhante à que se impôs aos violadores das antigas tumbas, mas poderá “deflagrar o terror do que somos e não apenas aquilo que fomos”. (BORDINI, 2001, p. 31).

Assim, se, para Maria da Glória Bordini, a museificação dos manuscritos “reflete uma espécie de autodefesa” (2001, p. 31), a pesquisa em acervo literário, paradoxalmente, representa uma constante problematização do que se conservou, das ideias que prosperaram pelo tempo. Vindas do passado, as coisas, as textualidades de determinado autor, podem desmascarar tradições, molestar verdades; acima de tudo, permitem ler, no que por pouco não se perdeu, o que estava escondido.

## Leitura, literatura e acervo literário

A compreensão do que seja memória sofre, em determinadas situações, uma espécie de depuração ideológica no campo da forma de seus registros e de seu conteúdo. Frequentemente, a preocupação em erigir uma identidade verdadeira, um entendimento satisfatório da própria imagem, tem elaborado uma reconstituição um tanto parcial do que se foi e, de alguma forma, do que se é. Isso acontece em especial no Rio Grande do Sul, cuja tradição é tamanhamente re(des?)figurada por determinações de eufóricas agremiações, que, em nome do resgate da cultura, impõem a rigorosa manutenção de um tradição convencionalizada.

Na realidade, é mediante a imprecisão de registro do manancial cultural amalgamado por fontes orais que se recondicionam e se legitimam determinados perfis identitários, nem sempre verdadeiros. Nesse sentido, os estudos sobre a memória devem incorrer em uma assepsia às avessas, distante da purificação monolítica dos centros de tradição institucionalizados. Isso pela necessidade de se impedir um *fake-lore* de passado idealizado.

A expressão *fake-lore* foi, talvez, primeiramente pronunciada no Brasil em 2003, em Passo Fundo, no 2º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, realizado, em primeira edição, em Badajoz, na Espa-

nha, na Universidade de Extremadura e posteriormente tornado um evento itinerante. O Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, além de estabelecer a cada dois anos sua sede em Passo Fundo, na programação das Jornadas de Literatura, fez sede em Paris e em Cuenca e Almeria, na Espanha.

Inicialmente idealizado sob a liderança na Espanha do Dr. Eloy Martos Núñez, da Universidade de Extremadura, à qual se incorporou a influência capital de Dr. Tania Rösing, da UPF, esse seminário tinha em suas origens a intenção de aliar a promoção da leitura à defesa de patrimônios identitários específicos perante as influências totalizantes da globalização. Havia na base político-pedagógica do seminário, por assim dizer, a intenção de preservar, mesmo sem restrições absolutas, o patrimônio comunitário intangível, oral e imaterial, das ameaças das potências industriais hegemônicas. O patrimônio de uma comunidade, ou de um povo, seria composto das “formas de expressão cultural tradicional e popular, como são as mil e uma tradições e lendas locais vinculadas aos espaços culturais”. (NÚÑES, 2004, p. 35). Em conceito menos rigoroso, esse patrimônio, embora originariamente estabelecido num universo agrário, estaria suscetível às atualizações provenientes das culturas urbanas e da modernidade, desde que submetidas a um diálogo que não desfigurasse a riqueza das fontes orais.

A abertura à modernidade, assim, deveria sofrer a cautela de algumas co-

erções de ordem valorativa. A herança intangível, de alguma forma, facilmente exposta à obsolescência por sua imaterialidade, deveria se resguardar do que o Núñez chamou de *fake-lore*. Esse folclore falsificado, fundado pela hegemonia anglo-saxônica, estaria estabelecido na imposição de certos modelos uniformizadores, os quais transformariam cultura em mercadoria e contra os quais uma visão humanista de patrimônio e do valor da palavra deveria naturalmente se insurgir:

Em conclusão: as tradições expressas através do conceito de patrimônio intangível e veiculadas através da leitura e de suas atividades satélites, como a escritura e a oralidade, formam parte do direito dos povos a desfrutar de seu patrimônio natural, cultural e lingüístico, visto como um todo. (NÚÑEZ, 2004, p. 35)

Malgrado a nobreza das intenções do pesquisador deva ser positivamente ponderada, há que se perguntar se o folclore falsificado seria proveniente apenas da indústria cultural, se a constituição de uma herança hegemônica, pela via do consumo, não seria semelhante, por outros motivos, a outras falsificações culturais estabelecidas na ordem da idealização de um perfil, de um sujeito, de um tipo característico, como talvez o próprio tipo gaúcho pampeano, hegemônico como ícone nos centros de tradição do Rio Grande do Sul. Na mesma ordem de indagações, cabe perguntar se tal cultura popular, vinculada, sobretudo, à tradição cultural agrária, não estaria embebida na noção de um falso eldorado perdido, no qual as diferenças de poder

são deliberadas ou inconscientemente esquecidas, por um processo de negação semelhante ao que faz, em nível individual, ignorarem-se as dores existenciais da infância e das tensões domésticas e amar-se a reminiscência da pureza do passado familiar e da proteção nunca castradora dos pais.

O jogo de tentar fazer perdurar o verdadeiro folclore, a legítima memória, a real identidade obedece a uma seleção que se compara à eleição de apócrifos: reescreve-se, lê-se e lembra-se apenas o que se quer. Isso, entretanto, colide não apenas com a necessidade da veracidade do lido e do lembrado, mas, e sobretudo, com a própria natureza incontrollável do fluxo do tempo. Regina Zilberman observa essa condição discrepante da tradição e da cultura popular ao observar as dificuldades de sua atualização:

Numa era globalizada como a nossa, a falta de dinamicidade da chamada “cultura popular” acaba mostrando-se letal: se se inserir à modernização ou se alterar, desaparece; se se manter estagnada, como é próprio à sua natureza, apresenta-se na condição de sintoma de retardamento, afetando a imagem que formamos de seus transmissores. (2004, p. 51).

Para a pesquisadora, a resistência da anulação das diferenças pode redundar em um nativismo ultrapassado, no qual se dissimulem as desigualdades e opressões de um tempo pretérito. Se no passado se podem encontrar as fontes telúricas das belezas que aguçam o narcisismo local, há também, nesse passado, a força de uma estrutura patriarcal, autoritária e violenta a qual tendemos

a suprimir. Assim, talvez a melhor maneira de exercitar a memória sem os apelos dos desejos seja desejar menos, querer menos a memória pretendida... buscar mais a memória escondida nos universais da ficção...

Um dos mais queridos escritores gaúchos conseguiu, pela via desse distanciamento, escrever como poucos sobre o Rio Grande do Sul e sobre o homem que aqui viveu e vive. Josué Guimarães, natural de São Jerônimo, mas cidadão cosmopolita por força do jornalismo e da política, jamais se apresentou como um autor gaúcho. Defendia em sua obra as forças do regionalismo, mas não prescindia da universalidade dos temas. Para ele: “Nenhum livro é universal antes de ser regional” (2006, p. 13):

Não tive maiores influências de autores gaúchos. Para citar alguns, prefiro lembrar Graciliano Ramos, Machado de Assis e o próprio Jorge Amado, pela temática popular. Além, é claro, dos grandes nomes do romance francês, dos contemporâneos norte-americanos e dos latino-americanos desse século [...]. Não posso me considerar um escritor regional, meus temas giram em torno do homem, seus conflitos e contradições: a paisagem quando existe, vale apenas para dar acabamento à pintura. Minha linguagem não é gaúcha, esforço-me para que não seja, morei muitos anos fora daqui. (GUIMARÃES, 2006, p. 13-14).

A natureza de um nativo da fronteira bilíngue, que se criou ouvindo “histórias de caudilhos, revoluções, tropelias, degolações” (GUIMARÃES, 2006, p. 14), implicou a constituição de um autor que, embora deliberadamente inscrito na estética de um realismo esclarecido e urba-

no, jamais se eximiu de tematizar o local e o histórico, o agrário e o nativo. Sua obra estabelece verdadeiras retomadas do passado gaúcho. A trilogia inacabada *A ferro e fogo* trata da saga dos alemães imigrantes no estado, de sua chegada em 1824 à formação da comunidade dos *Muckers*, no fim do século XIX; a novela *Enquanto a noite não chega* focaliza um casal de velhos a acionar reminiscências familiares e, de toda a maneira, políticas; *Camilo Mortágua*, por fim, é o inventário das violências da vida e da política do início do século XX ao ano de 1964, em especial no interior das fronteiras do Rio Grande do Sul, quando o poder econômico, migrado do campo à cidade, sofre o arremate violento das forças do conservadorismo no golpe militar.

A perspectiva histórica, em Josué Guimarães, contudo, não passa pela elaboração de um heroísmo que seja atuante ou projetado pela luz de um passado triunfante. Na realidade, não há heróis na história, nem vencedores valorosos. Há a violência e a dor de um tempo e de uma vida sem “tábua de salvação”. (GONZAGA, 2006, p. 37). No que se refere ao protagonista homônimo da obra *Camilo Mortágua*, o heroísmo está submetido e impossibilitado pela voracidade de um destino sempre nefasto, mesmo quanto há uma probabilidade de fortuna, no caso, a reconciliação com um antigo amor:

O efeito de dor e de perda nasce da certeza subjacente de que as ações humanas acabam inutilizadas diante da máquina ilógica da existência. Mocinha entra no cine Castelo

para dizer a Camilo que nunca deixou de amá-lo e que vai salvá-lo financeiramente. Mas um tiro atinge Camilo (que vira segundo antes, na tela, o seu próprio desenlace). A vida é absurda, regida pelas gratuitas leis do acaso. (GONZAGA, 2006, p. 37).

Esse heroísmo débil, essa fragilidade no destino determinado pelos desejos da sorte, se fazem de Camilo um personagem fadado ao fracasso econômico e afetivo, tonificam a impotência da personagem na comparação entre a versão final do romance e os esboços que cogitaram o personagem nos primeiros planejamentos de Josué Guimarães. Na obra definitiva, o protagonista está situado à margem dos poderes políticos. Como empresário em Porto Alegre, após abandonar os de pauperados meios de produção rural no interior do estado, Camilo Mortágua, ao menos até determinado momento, atinge a riqueza, mas, inepto na dinâmica das novas relações humanas e dos novos acordos empresariais, é incapaz de permanecer e de reconduzir-se na liderança de seus negócios e de sua família. Se há um acaso e uma sorte, elas também têm demandas circunstanciais: são parte de um destino situado em uma determinada realidade social, feita para o deleite de poucos. Camilo Mortágua representa o que quase todos são em uma sociedade injusta: indivíduos alheios à condução de sua vida, incapazes de guiar a própria existência.

Essa inaptidão ou, ao menos, esse absoluto alheamento, próprio da personagem protagonista de *Camilo Mortágua*, não se manifestaria se fosse dado efeito

aos primeiros planejamentos do livro que viria a se chamar *Um tiro no escuro* e que seria protagonizado por um Vinícius Borba Garcia, como demonstram os esboços da Figura 1.

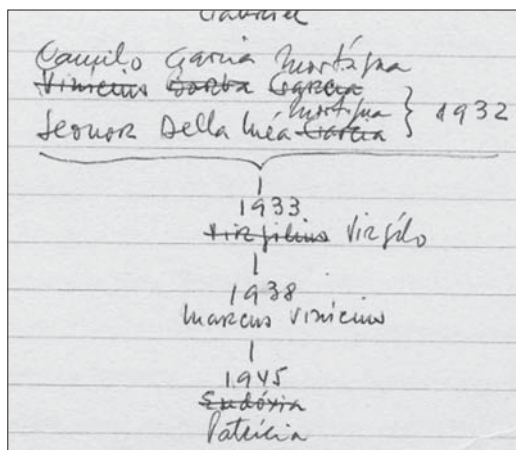


Figura 1: Detalhe do planejamento de *Camilo Mortágua*: a mudança do nome da personagem e a datas de seu casamento com Leonor (1932) e do nascimento dos filhos

O Vinicius tornado Camilo, além da alteração em seu nome, não vive as desventuras do protagonista do romance definitivo. Os esboços de Josué Guimarães mostram as intenções de construir, senão um herói, ao menos um combatente vigoroso que participa de contendas políticas, como da Revolução de 30, e que participa de agremiações sectárias, como da Ação Integralista em 1937. Incorporado à história de seu tempo, em um traçado autobiográfico de José Guimarães, como mostra a Figura 2, o herói seria incumbido por Brizola a seguir para o Rio de Janeiro a fim de montar uma estação



de rádio pela Legalidade, fato que realmente envolvera a vida do político Josué Guimarães em 1961.

1935 -	Arreque Gabriel - soldado - Média - comunista
1937 -	Quelto
1938 -	Arreque Gabriel - preso no 4.º de Maio
1938 -	Arreque 2.º - João Soares Vinício
1945 -	Arreque Gabriel - casa em Lapa - Lapa - Lapa
1954 -	Arreque Gabriel, particip. dos militares
1957 -	Arreque Gabriel - desistência de desistir - Lapa - Lapa
	Arreque Gabriel - desistência de desistir - Lapa - Lapa
1958 -	Arreque Gabriel - bancário - Lapa - Lapa
1961 -	Arreque Gabriel - desistência de desistir - Lapa - Lapa
1963 -	Arreque Gabriel - desistência de desistir - Lapa - Lapa
1964 -	Arreque Gabriel - desistência de desistir - Lapa - Lapa

Figura 2: Vinicius, Camilo e Josué Guimarães – uma quase autobiografia (no destaque, o ano de 1961, a renúncia de Jango e a Legalidade)

Sem jamais pretender constituir um gaúcho típico, sem querer ser regionalista, Josué Guimarães retratou um gaúcho desapegado de tradições, inserido no novo espaço urbano e envolvido no processo histórico sobre o qual não tem controle. Não escreveu uma história de bravura, não entalhou uma tradição, mas esboçou um indivíduo sem rumo na ordem das instabilidades históricas. Camilo Mortágua, o homem que morre velho e só, por força do acaso e da história, é um elemento representante de uma subjetividade que, embora singular, ganha universalidade por cumprir um ciclo de vida perturbado pelas alterações políticas e econômicas do país. Seu heroísmo, se há, é dado por alguma persistência de querer estar vivo. Seu campo final de batalha é um bairro periférico em Porto Alegre, em um cinema decadente. Assim, como o espectador que não pode

alterar os rumos da película, Camilo vê transcorrer a própria existência com a passividade dos impotentes.

As considerações sobre esse herói-mo subjugado pela história poderiam ser estabelecidas apenas na leitura da versão definitiva e publicada de *Camilo Mortágua*. Os planejamentos do autor, conservados em acervo literário, permitem, entretanto, que se aprofundem as considerações sobre os sentidos possíveis no romance na versão final. A debilidade do protagonista da obra se torna ainda mais manifesta no cotejo com o que se imaginara, nas notas do autor, poder ser seu destino. Assim, o Camilo publicado ganha nova e mais profunda significação ao descumprir-se o que lhe estava prometido à vida, como se os Vinicius/Camilo dos planejamentos fossem uma sombra do que não aconteceu; fossem, ainda, um resquício de heroísmo perdido, mas logo abandonado pela intencionalidade criativa de Josué Guimarães.

Nesse aspecto, a leitura dos manuscritos torna diferente uma primeira leitura da obra, amplia seu sentido, altera a integridade do texto ao conferir um dado novo, uma nova circunstância. A maldição do manuscrito envenena o que estava a salvo no livro publicado. Depois de descobrirmos os planejamentos de Josué, Camilo Mortágua deixa de ser o antigo Camilo Mortágua, contaminado, de vez, pelos espíritos que o antecederam.

Maria da Glória Bordini afirma que o estudo em acervo literário afeta a teoria da literatura, pois “foge à prisão do texto em si, que praticamente todo o século XX

viu como a única forma de conferir especificidade aos estudos literários, uma vez que abarca materiais não textuais ou, pelo menos, não reduzidos à linguagem, e uma linguagem reconhecida socialmente como literária”. (2005, p. 39).

Observa, assim, possibilidades de leitura verificáveis nos documentos textuais, linguísticos ou não, literários ou não, mas estendidos a uma trama de signos além do texto em si, no sentido rigoroso do termo – nessa trama estão os empreendimentos autorias e editoriais, a reação do público, a engrenagem econômica e política: “um acervo é um lugar em que textualidades e não textualidades convergem e podem ser estudadas em suas relações”. (BORDINI, 2005, p. 40). Graças a essas relações nasce uma nova compreensão de herói em *Camilo Mortágia*, desvinculada das idealizações de um protagonismo irreal, desatrelada das fantasias de bravura passada, livre da imagem vencedora das tradições desenhadas pelo ufanismo. O gaúcho estancieiro morre de velho e na cidade, só...

## A maldição e a memória

A literatura não é feita apenas de obras literárias, pois há um mundo no entorno de cada livro. Da mesma forma, um livro não é feito apenas de seu texto. Há uma plêiade de textos ao se redor, ao lado e abaixo dele. Os manuscritos e planejamentos do autor são parte desses “subtextos”, desses textos subterrâneos,

sepultados nas gavetas, esquecidos em caixas que sobreviveram à lixeira, seja pelo cuidado dos herdeiros, seja pelo descuido (consciente ou inconsciente) do escritor. Esses textos, que, por algum motivo, foram desvalorizados ao não se tornarem públicos e definitivos, essas anotações que revelam os impulsos da mente criativa do escritor, contraditoriamente, ingressando em um acervo literário, tornam-se relíquias.

Além de terem em si a magia da presença física do autor, que cruzou o papel com a palma da mão e registrou-se com sua letra a cada linha traçada, os manuscritos têm a capacidade de permitir releituras das obras. Nesse sentido, ao serem descobertos, iniciam a lenta inoculação de sua poção no que era o antes e mudam não apenas o sentido da obra, mas a direção de nossa compreensão sobre nós mesmos ao reelaborarmos nosso pensamento, nossos conceitos e nossa memória.

O estudo da memória alicerçado aos estatutos dos estudos literários em acervo forma uma arqueologia na qual se redescobre a própria identidade. Os esboços de *Camilo Mortágua* ajudam a entender mais do que o livro e seu protagonista; ajudam a saber quem somos e o que pensamos um dia ser. Por eles, por causa dessas anotações, nosso heroísmo fragilizou-se, nossa certeza nas lutas abateu-se. O gaúcho não era e não foi o que pensava ser. Nossa história não foi feita de glórias, nosso passado teve menos vultos e muito mais homens



comuns. Essa descoberta é a maldição do manuscrito.

## Literary research and literary heritage: the manuscripts' curse

### *Abstract*

This study aims to discuss literary research related to memory and identity studies, specifically in Rio Grande do Sul. Thus, it will observe the organization of literary estates. The study will approach the contributions that writer Josué Guimarães's records might give for reflection about both history and the values advocated by established cultural traditions.

*Key words:* Literary studies. Literary heritage. Josué Guimarães.

## Referências

BORDINI, Maria da Glória. Memória literária e novas tecnologias. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, v. 7, n. 2, jun. 2001.

\_\_\_\_\_. Acervos literários e universo digital: conexões abertas. In: ANTUNES, Benedito. *Memória, literatura e tecnologia*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005.

GONZAGA, Sergius. A vitória do realismo. In: *Josué Guimarães: escrever é um ato de amor*. Porto Alegre: IEL, 2006. (Autores Gaúchos).

GUIMARÃES, Josué. Diálogos. In: *Josué Guimarães: escrever é um ato de amor*. Porto Alegre: IEL, 2006. (Autores Gaúchos).

NÚÑES, Eloy Martos. Del patrimonio tangible al intangible: por el valor de la palabra. In: RÖSING, Tania; RETTENMAIER, Miguel; BARBOSA, Márcia (Org.). *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo: UPF, 2004.

ZILBERMAN, Regina. Mitos e tradições populares: a literatura infantil brasileira. In: RÖSING, Tania; RETTENMAIER, Miguel; BARBOSA, Márcia (Org.). *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo: UPF, 2004.